

O soar dos sinos e seus sineiros: patrimônio imaterial em Diamantina/MG

The ringing of bells and their bells: intangible heritage in Diamantina/MG

El timbre de campanas y sus campanas: patrimonio inmaterial em Diamantina/MG

Fernanda de Alencar Machado Albuquerque¹
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM)
fernanda@ufvjm.edu.br

Thales Vinícius Santos de Sá²
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM)
thales.vinicius@ufvjm.edu.br

Recebido: 18/10/2021 | Aceito: 09/11/2021

Resumo: O trabalho tem como finalidade fazer um resgate acerca do toque dos sinos e da profissão dos sineiros em Diamantina/MG, entendendo toda a história que perpassa a identidade cultural e histórica da profissão e a importância da linguagem dos sinos ao longo dos tempos e sua contribuição para a comunidade. A forma metodológica decorre da revisão de literatura sobre patrimônio imaterial, ofício dos sineiros e o toque dos sinos, e através de revisão documental sobre o tema, a fim de compreender melhor essa manifestação cultural em Diamantina/MG. Por fim, tem-se o entendimento de que o toque dos sinos e a profissão dos sineiros devem ser reconhecidos, valorizados, preservados e perpetuados indicando o retorno cultural, desse bem de importante valor, para a comunidade diamantinense.

Palavras-chave: Turismo. Patrimônio. Sineiros.

Abstract: This article object is to rescue of the ringing of the bells culture and the profession of bellmakers in Diamantina/MG, understanding the entire history that permeates the cultural and historical identity of the profession and the importance of the language of bells over time and its contribution for the community. The methodological approach derives from the literature review on intangible heritage, the craft of the bell-makers and the ringing of bells, and through a document review on the subject, in order to better understand this cultural manifestation in Diamantina/MG. Finally, it is understood that the ringing of the bells and the profession of the bell-makers must be recognized, valued, preserved and perpetuated, indicating the cultural return of this valuable asset to the diamantinense community.

Keywords: Tourism. Patrimony. Bells.

Resumen: La obra tiene como objetivo hacer un rescate sobre el repique de las campanas y la profesión de los campanarios en Diamantina / MG, entendiendo toda la historia que impregna la identidad cultural e histórica de la profesión y la importancia del lenguaje de las campanas a lo largo del tiempo y su aporte para la comunidad. El enfoque metodológico se basa en una revisión de la literatura sobre el patrimonio inmaterial, el oficio de los campanarios y el repique de campanas, y mediante una revisión documental sobre el tema, con el fin de comprender mejor esta manifestación cultural en Diamantina / MG. Finalmente, se entiende que el repique de las campanas y la profesión de los campanarios deben ser reconocidos, valorados, preservados y perpetuados, indicando el retorno cultural de este valioso bien a la comunidad diamantinense.

Palabras clave: Turismo. Patrimonio. Campanas.

¹ Professora Adjunta da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri-UFVJM atuando no Curso de Turismo da Faculdade Interdisciplinar em Humanidades (FIH). Pós-doutorado em Turismo pela Universidade de Aveiro/Portugal. Doutora em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia-UFU; Doutorado sanduíche em Lisboa pela Universidade de Lisboa-UL; Mestre em Turismo e Meio Ambiente pelo Centro Universitário UNA; Graduada em Turismo pelo Centro Universitário Newton Paiva. Atualmente leciona as disciplinas: Fundamentos do Turismo, Turismo e Patrimônio, Gestão de Eventos e Inovação em Turismo.

² Discente do Curso de Turismo da UFVJM. Temas de interesse: Patrimônio, Eventos, Turismo Religioso.

ALBUQUERQUE, Fernanda de Alencar Machado; SÁ, Thales Vinícius Santos de. O soar dos sinos e seus sineiros: patrimônio imaterial em Diamantina/MG. Turismo, Sociedade & Território. Currais Novos (RN), v. 3, n. 1, e26961, 2021.

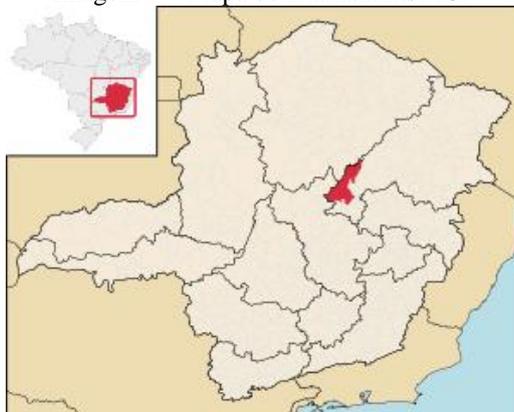
Pelos Encantos de Diamantina

Diamantina possui marcas históricas do período colonial do século XVIII, demandado de uma trajetória vinda da exploração de diamantes, além de contribuições artísticas e arquitetônicas em estilo barroco-rococó daquela época, até as modernidades do filho da terra, Juscelino Kubitschek, um dos mais destacados presidentes do Brasil, que contam uma história viva e preservada pela comunidade.

A ocupação do território aconteceu devido ao grande surto minerador que ocorreu naquele local, entretanto, o descobrimento de riquezas minerais só surgiu anos mais tarde, já em princípios do século XVIII (1702) pelos bandeirantes que foram responsáveis pela fundação de diversos povoados na área (REVISTA SAGARANA, 2005).

Foi em um desses grupos que criaram as bases do Arraial do Tijuco onde se fixaram os primeiros moradores no lugar chamado Burgalhau, que teve seu crescimento após a descoberta dos diamantes nas suas proximidades. Em 1831, o Arraial do Tijuco foi elevado à categoria de Vila com a nova denominação de Diamantina.

Imagem 1 – Mapa de Diamantina/MG.



Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Diamantina>

Nesse contexto, é considerada uma das cidades mais conhecidas e visitadas no Estado de Minas Gerais. O casario colonial, de inspiração barroca; as edificações históricas; as igrejas dos séculos XVIII, XIX e da primeira metade do século XX; a belíssima paisagem natural e uma forte tradição religiosa, folclórica e musical, conferem uma singularidade especial à cidade, atribuindo o título de “Patrimônio Cultural da Humanidade”.

Destaca-se a Igreja de Nossa Senhora do Carmo pelo seu requinte na ornamentação interna cujos trabalhos demoraram quase 20 anos para ficar prontos, com ênfase para o forro da capela-mor de autoria de José Soares de Araújo, natural de Braga/Portugal; e o Mercado

Municipal cujo prédio foi construído no século XIX considerado, até os dias atuais, um marco característico de significado especial para a cidade.

Sendo assim, por seu notável acervo histórico-cultural, a cidade foi tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN, conforme inscrição de número 66 – livro de Belas Artes, Fl. 12, de 16 de maio de 1938. E, anos mais tarde, em 1999, a cidade finalmente foi reconhecida e considerada pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura - UNESCO como cidade Patrimônio Cultural da Humanidade, confirmando a sua importância no cenário internacional.

Ressalta-se, então, que uma das suas diversas singularidades é a manifestação cultural do toque dos sinos, também encontrada em algumas outras cidades mineiras. Em 2009, a “Linguagem dos Sinos”, com a especificação do “Toque dos Sinos” e o “Ofício dos Sineiros” foi registrada como Patrimônio Imaterial pelo IPHAN e desde então tenta se manter como uma tradição importante, uma referência cultural que se desenvolveu a partir de uma reprodução social dos povos originários, africanos e europeus.

Daí a importância do conhecimento e entendimento sobre a representatividade dos sinos e dos seus toques, uma manifestação cultural que gera sentimento de pertencimento e coletividade de uma determinada localidade, cujo objetivo é a preservação desse patrimônio e a sua divulgação, de maneira significativa, como uma forma de contribuir para minimizar as fragilidades que ameaçam a sua continuidade.

Conforme apresenta Rodrigues (2003), o patrimônio pode ser pensado como um bem do passado, porém, com significativo valor cultural, social e identitário de uma sociedade:

Além de servir ao conhecimento do passado, os remanescentes materiais de cultura são testemunhos de experiências vividas, coletiva ou individualmente, e permitem aos homens lembrar e ampliar o sentimento de pertencer a um mesmo espaço, de partilhar uma mesma cultura e desenvolver a percepção de um conjunto de elementos comuns, que fornecem o sentido de grupo e compõem a identidade coletiva. (RODRIGUES, 2003, p.17).

O reconhecimento cultural e patrimonial de uma localidade se dá a partir de uma busca histórica que compreende o valor de tal bem a fim de fazê-lo protegido e reconhecido como marca identitária daquele povo. Quando falamos de patrimônio cultural para uma comunidade e uma região, se faz presente toda a identidade histórica daquele povo.

É a preservação de um bem em comum que constrói uma marca de valores subjetivos e experiências, que são apresentados e perpetuados de uma forma vivida através de símbolos culturais e manifestações artísticas, arquitetônicas e ambientais. Essa relação construtiva de

sociedade com cultura é uma forma de compartilhamento do mundo subjetivo e objetivo com a cultura individualizada e coletiva (IPHAN, 2009).

O patrimônio, conforme Rayel (2016), promove um diálogo entre o passado, presente e futuro, construindo uma ponte de saberes e interpretações de experiências humanas com o espaço, as vivências e os comportamentos das localidades, entendendo o modo de interferência e as ações que são impactadas a partir da interlocução de meios distintos e a modernização que estes bens sofrem, sendo importante principalmente a sua preservação.

Assim, a conservação do patrimônio cultural é vista como uma questão de cidadania, por ser direito de todos e por reforçar a identidade cultural. Segundo Oriá (2005), a identidade de um país, estado ou cidade se faz com a memória individual e coletiva. Somente quando a sociedade resolve conservar e divulgar seus bens culturais é que se inicia o processo de construção de seu *ethos* cultural e de sua cidadania.

Ou ainda, de acordo com Laraia (2009, p.37):

O homem é o resultado do meio cultural em que foi socializado. Ele é um herdeiro de um longo processo acumulativo, que reflete o conhecimento e a experiência adquirida pelas numerosas gerações que o antecederam. A manipulação adequada e criativa desse patrimônio cultural permite as inovações e as invenções.

Quando falamos de patrimônio imaterial, que é o assunto também abordado neste trabalho, apresentamos além das fronteiras dos símbolos e linguagens, a construção sociocultural ou a externalização de um ato representativo com valor memorável, identitária de uma comunidade.

De acordo com Dias (2006), todos os conhecimentos repassados de uma geração para outra pode ser considerado como patrimônio imaterial, por exemplo, as crenças, danças, tradições, memórias, costumes dentre outros. O patrimônio imaterial, conforme apresentado pelo IPHAN, é transmitido através das gerações, sendo sempre recriado pelas comunidades “em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade, contribuindo para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana.”.

Nesse sentido, são ações que buscam preservar a história e o desenvolvimento da atividade turística que trazem um sentido real a uma demanda que vem em busca do conhecimento de atrativos culturais, neste caso, um símbolo religioso, onde contam uma história de manifesto popular e transcendental. Segundo descreve Rayel (2016, p.57):

Pautando-se nessas iniciativas e legislações, torna-se importante refletirmos sobre o sentido real dos sineiros para o cristianismo e para as paisagens sonoras urbanas

mundiais, dispersas em diversos países. Agora, o Toque dos Sinos e o Ofício de Sineiro são salvaguardados em nosso país. Essa abordagem expande para a questão não somente do reconhecimento e proteção internos, mas abrange uma dimensão global, de raiz milenar na formação das paisagens culturais.

O processo e a importância de salvar o patrimônio sineiro em Minas Gerais representa a proteção de um bem humanitário e social que passa por diversas gerações. Entender esse processo é também entender que esta proteção institucional dos valores da comunidade é com intuito de não perdê-la. Vale ressaltar que esse patrimônio não pertence a uma determinada instituição, e sim ao povo, às comunidades, aos sineiros, aos educadores patrimoniais e aos turistas.

Diamantina Musical

No que se refere à musicalidade, Diamantina se destaca por representar um incontestável pólo cultural e por ser considerada uma cidade intrinsecamente musical, diante das variadas atividades artísticas e culturais. Além das expressões contemporâneas, também se pode assistir às tradicionais bandas de músicas, à orquestra sinfônica jovem, os grupos de serestas e serenatas, bem como a única e diferenciada Vesperata.

De acordo com o Projeto da Prefeitura Municipal “Cantos e Encantos de Diamantina” (2019), o turismo cultural que distingue Diamantina de outras cidades passa necessariamente pelo potencial competitivo que a experiência da música consegue agregar ao destino. Experiência esta, possibilitada de diferentes formas, que vão desde a música sacra à profana.

A musicalidade em Diamantina é fácil de ser notada, por suas origens e pela profundidade histórica que remonta aos tempos dos escravizados que se expressavam por meio dos cantos denominados “Vissungos”, em dialeto africano, e pela música barroca. O canto que à terra canta, pode ser traduzido pelas serestas e serenatas, manifestações estas que traduzem muito da cultura diamantinense.

A famosa Vesperata, concerto musical com a participação de duas bandas, reitera a formação histórica musical do município e é um exemplo de como um aspecto identitário contribui para o desenvolvimento socioeconômico de uma sociedade. Sendo a Vesperata uma manifestação genuína da cidade, recriada no final dos anos 90, ao longo dos anos, ela se consolidou como produto turístico, se transpôs de evento turístico local, para contribuir para a cadeia turística regional, servindo também de “espelho” de recriação para outras cidades, ao mesmo tempo em que fortaleceu mais ainda o cenário musical local e regional.

Imagem 2 – Vesperata



Fonte: <https://www.pousadacapistrana.com.br/Vesperata.aspx>

Em Diamantina, o turismo cultural, de fato, encontra uma base de oferta musical garantida por meio das serestas, concertos, saraus, Vesperatas e diversos espetáculos que compõem os mais variados eventos realizados. Dessa forma, contribui para promover avanços socioeconômicos significativos, podendo gerar mais inclusão social e equidade dos benefícios, bem como estender maiores avanços e aperfeiçoamento para ampliar a valorização de alguns elos da cadeia produtiva da música local.

Nesse contexto, pode-se observar também a inserção dos toques dos sinos, importantes manifestações culturais existentes em Diamantina, levando a comunidade identificar os acontecimentos que estão por vir. A musicalidade se faz presente em todos esses momentos, que são marcos históricos de um ofício centenário e que vem buscando seu reconhecimento e sua preservação através das gerações.

Os sinos, sua linguagem e seus sineiros

Todos os sinos possuem sua representatividade social e religiosa perante a comunidade, desde o processo de fundição até o dia em que o sino chega ao seu local de destino, existindo todo um cuidado e uma sacralidade que fazem deles grandes símbolos de importância.

De acordo com Rosa e Magalhães (2006), o processo de fundição dos sinos é complexo e bastante trabalhoso, tendo que ser realizado por uma equipe concentrada, habilidosa e comprometida para que a fundição não saia errada ou ocasionando uma alteração dos sons do sino, já que o sino possui uma nota musical a ser reproduzida, ou seja, se existir qualquer problema no processo, levará a uma alteração.

O sino quando entregue para a comunidade recebe uma festividade, formada por um rito próprio composto por celebrações e o batismo. No batismo o sino recebe um nome que dá sentido real, singular e figurativo que de tal modo é reconhecido pela comunidade. Após o

batismo o sino é tocado para o conhecimento da comunidade até que seja colocado no campanário.

O toque dos sinos possui uma importância religiosa e social para a comunidade, como uma forma de sinalizar e informar os principais eventos que irão acontecer, como as missas, um evento fúnebre, um comunicado de batismo, festividades de diversas naturezas ou sendo utilizado apenas para comunicar as horas santas.

Como descrito por Adão e Nascimento (2001), o toque dos sinos estimulam as relações sociais e de lazer no momento em que convida a comunidade para as festividades e se tornam símbolos importantes que levam a comunicação religiosa e dão vida às cidades. Os autores salientam que “o coração das vilas e depois cidades coloniais, pulsam ao som dos sinos e dos tambores, templos e edificações da ordem pública local, pontos de convergência e de irradiação da vida das vilas e cidade.” (ADÃO, NASCIMENTO, 2001, p. 39).

Conforme explicitado por Rayel (2016), o toque possui todo um contexto técnico e habilidoso que eram desenvolvidos pelos sineiros e alguns dos tradicionais toques são os dobres e badaladas de repique. Como exposto na publicação da coleção “De olho no patrimônio”, do programa Pedagógico de Educação Patrimonial da Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Patrimônio – SECTUR de Diamantina (2019), alguns dobres fúnebres são descritos e identificados como: i- dobre fúnebre para mulher – duas séries de dobres simples (de uma pancada), começando pelo sino menor, passando pelo médio e em seguida pelo maior, descaindo-se os sinos após cada série sendo executados no sodalício a que pertenceu a irmã; ii- dobre fúnebre para homem – três séries de dobres de uma pancada, começando pelo sino menor, passando pelo médio e em seguida pelo maior, descaindo-se os sinos após cada série sendo executados no sodalício a que pertenceu o irmão; iii- dobre fúnebre para Papa – catorze séries de dobres duplos, em ordem inversa: começando pelo sino maior, descaindo-se os sinos após cada série, em todas as igrejas e capelas; iv- dobre fúnebre para Bispo – sete séries de dobre duplos, em ordem inversa: começando pelo sino maior, descaindo-se os sinos após cada série, em todas as igrejas e capelas; v- dobre fúnebre para Vigário – cinco séries de dobres duplos, em ordem inversa: começando pelo sino maior, descaindo-se os sinos após cada série, em todas as igrejas e capelas; vi- dobre fúnebre para Sacerdote – quatro séries de dobres duplos, em ordem inversa: começando pelo sino maior, descaindo-se os sinos após cada série, em todas as igrejas e capelas; dentre outros, cada um com suas especificidades de toques.

Os sinos e as igrejas diamantinenses, além de atrativos turísticos, contam histórias que marcam a cultura da cidade. Os sinos e seus toques, diferentes para cada ocasião, são

marcados como indicadores de adversidades que aconteciam na comunidade, isto desde a Idade Média.

Segundo Rayel (2016), os sinos perpassam além da religiosidade, sendo uma função social de aviso de importância. O toque dos sinos são códigos sonoros, com seus repiques e dobres, que trazem à comunidade a interpretação do que estaria prestes a acontecer.

O toque dos sinos é dado por homens nomeados como Sineiros, que desde novos despertam interesse em fazer parte deste ofício. Cada pessoa tem sua importância representativa nas torres, como registrado pelo IPHAN (2014, p.68).

Os sineiros se autotomam como antigos sineiros - aqueles que tocam os sinos esporadicamente e são chamados para esclarecer dúvidas; jovens sineiros - os que tocam os sinos no dia-a-dia; zeladores sineiros - os que devem dar condições aos jovens sineiros de executar a sua tarefa e tocar os sinos quando estes não conseguem; e mestres sineiros - os sineiros já falecidos que fazem parte da história da localidade e são referências desse saber e do seu ofício.

Conforme Pereira (2020), o sineiro é o indivíduo que possui o conhecimento por essa prática, tendo além da aptidão, prática e conhecimento, uma relação diferenciada de afeto e devoção com o sino, e que possibilita o seu toque e seus mais variados tipos. Ainda de acordo com a autora:

A prática sineira se faz presente na cidade, sendo repassada de geração em geração, com vistas instigar a valorização e perpetuar essa expressão da cultura. Assim sendo, o toque dos sinos, abrange um universo de relações, envolvendo os sineiros, os sinos, os aprendizes do ofício de sineiro, as festividades religiosas, práticas de lazer e a comunidade. (PEREIRA, 2020, p.19)

Sendo assim, Montanheiro (2001) também descreve que existe uma diferenciada apropriação dos toques dos sineiros além do seu aprendizado e observação, pois existe uma determinada subjetividade no modo de desenvolver seu ofício com uma variação de sineiro para sineiro bem uma vez que acabam por colocar certa subjetividade na maneira de tanger os sinos, variando de sineiro para sineiro mesmo que de maneira bem sutil:

[...] cada sineiro imprime em seu toque uma marca pessoal, sendo possível aos colegas identificarem, pelo toque, quem está na torre a repicar os sinos. Isso não significa que o toque mude de sineiro para sineiro: essas pequenas mudanças equivaleriam a diferentes sotaques de falantes de uma mesma língua ou, por tão sutis que são às vozes de cada falante de uma mesma localidade. (MONTANHEIRO, 2001, p. 06).

A preservação e conservação deste patrimônio registrado através do livro de Registro de Saberes (2009) pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN, deve

ser valorizado e perpetuado como forma de educação patrimonial e a relação de devolução ao bem de valor para a comunidade diamantinense, nas festividades religiosas, civis e turísticas.

O toque dos sinos, além de suas significâncias religiosas, possui sua contribuição social e cultural para a comunidade, sob comando das irmandades e ordens terceiras, que eram compostas por leigos e que ainda existiam na era colonial, sendo algumas até hoje existentes e preservadas que se classificavam por etnias e classes sociais, além de hierarquias e posições de poder, conforme descrito no dossiê do IPHAN (2009).

Sendo assim, essas entidades religiosas possuíam seus colaboradores sineiros que desempenhavam suas funções nas torres em festividades e atividades religiosas que aconteciam durante o calendário litúrgico, composto pelas mesas administrativas de cada irmandade.

A função sonora dos sinos nestas atividades era de anúncio conhecido como toque do “chamamento”, para comparecer à igreja naquela hora que a celebração estaria prestes a acontecer. Além disso, conforme Rosa e Magalhães (2006), durante as celebrações aconteciam toques e repiques referentes aos acontecimentos e partes de cada momento celebrativo, como uma celebração festiva, por exemplo, ocorrendo em torno de três a quatro toques diferentes.

Ao fim das celebrações, principalmente quando eram as festividades solenes, dias Santos ou Semana Santa, ocorriam as famosas procissões e rasouras, onde se tocavam os toques e repiques festivos. O sineiro da torre acompanhava a procissão e a banda de música com os toques, sendo em algumas ocasiões, como a Semana Santa, o toque acompanhava as partituras e os motetos específicos daquele dia. Para Pereira (2020) “o sineiro, que além da habilidade, técnica e conhecimento, mantém uma relação afetiva e devocional com o objeto sino, dando vida aos mais variados tipos de toques.”

Torres sineiras de Diamantina

O conjunto arquitetônico de Diamantina, localizado no sítio histórico da cidade, foi tombado em nível mundial, no ano de 1999, como elemento de grande representação histórica e cultural. No entanto, as igrejas com suas torres sineiras recebem a titulação no ano de 2009 pelo IPHAN, no registro do Livro dos Saberes de Patrimônio Cultural Imaterial, tendo como objetivo salvaguardar e preservar este rico patrimônio como já apresentado.

Em Diamantina o tombamento patrimonial registrado no Livro dos Saberes se deu através da definição de seis torres que pertencem ao sítio histórico da cidade, sendo elas atribuídas às seguintes edificações religiosas: Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos

Homens Pretos; a Venerável Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo; a Venerável Ordem Terceira de São Francisco de Assis; Igreja de Nosso Senhor do Bonfim dos Militares; Capela Imperial de Nossa Senhora do Amparo e, por fim, a Igreja de Nossa Senhora das Mercês. Estas edificações são todas da era colonial em estilo barroco-rococó, construídas em adobe (nome dado às construções em pau a pique, barro e madeira), que trazem diversos elementos artísticos e sacros, característicos da região.

De acordo com o IPHAN (2009), o estilo arquitetônico das igrejas diamantinas é de apenas uma torre em sua lateral, sendo diferenciadas das igrejas das outras cidades do mesmo período colonial, onde em sua maioria apresentam duas torres no conjunto do templo.

Além das igrejas que fazem parte do tombamento e deste circuito de igrejas coloniais, possui ainda outras que são registradas pela prefeitura como Patrimônio Municipal e que apresentam algumas atividades sineiras com suas particularidades artísticas e de grande relevância e representatividade para a comunidade diamantinense.

Dessa forma, para melhor aprofundar o conhecimento sobre as igrejas e torres sineiras de Diamantina, será apresentado um breve histórico primeiramente sobre as edificações que estão incluídas no registro do IPHAN e das outras igrejas que são reconhecidas como Patrimônio Municipal.

A igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos teve o início da sua construção em 1728 sendo finalizada aproximadamente no ano de 1771 e é considerada a igreja mais antiga de Diamantina. Pertencia à antiga Irmandade Negra de Nossa Senhora do Rosário, rica em suas talhas e imagens sacras, além da pintura do Grande Mestre José Soares de Araújo, que também executou obras na igreja do Carmo. Sua torre sineira, construída unicamente a um lado da igreja, possui três campanários compostos por três sinos, um grande principal, um médio e o pequeno que são tocados em festividades da padroeira e em eventos do calendário litúrgico.

Imagem 3 - Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos



Fonte: Próprio autor.

A igreja de Nossa Senhora do Carmo, pertencente à Venerável Ordem Terceira de Nossa Senhora do Monte Carmelo, é datada em 1760-1765. Possui exuberantes manifestos artísticos e sacros que compõem seu interior, além das belíssimas pinturas do guarda-mor José Soares de Araújo. A igreja ainda conta com balaustrada até a mesa da comunhão, além do coro ser composto pelo Órgão de 514 tubos que era usado pelo estimado José Joaquim Emerico Lobo de Mesquita, maior compositor de músicas sacras das Américas. No exterior da arquitetura da igreja possui adornos característicos de ornamentação, sendo ela construída em adobe (mistura de madeira e barro) e o campanário único na cidade localizado atrás da edificação, também marcado por algumas hipóteses, ligado à figura de Chica da Silva e que engrandece a cultura e a identidade social e religiosa da comunidade.

Como descrito por Rayel (2016), na planta da igreja existia uma particularidade que a distinguia das outras igrejas, pois a torre frontal foi modificada para a parte final da igreja, existindo duas versões para esta mudança. A primeira seria que a alteração aconteceu para que o som do toque dos sinos não incomodasse seu sono já que morava perto da edificação religiosa. Outra versão seria de que naquela época, os negros eram proibidos de passarem pelo limite das torres das irmandades mantidas pelos brancos, ou seja, como as torres ficavam na parte frontal das igrejas, não lhes era permitido entrar. Com essa mudança para a parte final, já existia essa possibilidade, até mesmo para Chica da Silva que era negra e ex-escravizada.

Imagem 4 - Igreja Nossa Senhora do Carmo



Fonte: Próprio autor

A Igreja da Venerável Ordem Terceira de São Francisco de Assis, datada por volta de 1766 a 1986, pertencente à Ordem leiga de mesmo nome e conta com uma arquitetura exuberante, rica em elementos artísticos do rococó, com pinturas de José Soares de Araújo e imagens sacras em estilo de roca (santos de vestir).

O templo conta com um cemitério e um jardim, onde estão enterradas figuras representativas para Diamantina como Chica da Silva e o pai e a tia de Juscelino Kubitschek. O campanário da igreja que é mais novo e reformado em concreto, diferenciado do restante da construção do templo que é em adobe, possui uma característica singular contendo três sinos em perfeito estado de conservação e um relógio de corda que pertencia à antiga catedral demolida na década de 30 que foi comprado pela ordem, como registrado em documentos da mesa administrativa.

A função do relógio se entrelaça com os toques dos sinos, indicador e ou anúncio de algo, neste caso marca as horas sacras litúrgicas, uma forma de lembrar a comunidade. O som, vindo da tecnologia do relógio de corda, não necessita que o sineiro suba até a torre para tocar, mas é necessário que em certa constância de tempo ele suba para dar corda ao relógio e conserte as horas caso ocorra algum erro.

A igreja da Ordem Terceira Franciscana possui também um toque que entrelaça as melodias das partituras do Motetos dos Passos, composto pelo grande músico Lobo de Mesquita, uma particularidade no período da procissão na Semana Santa da cidade. No mais, os sinos tocam frequentemente com toques de chamamento para missa e em ocasiões especiais de festividades religiosas, com toques específicos ou a pedido da Secretaria de Cultura e Turismo em festividades civis.

Imagem 5 - Igreja da Ordem Terceira Franciscana



Fonte: Próprio autor

A Igreja de Nosso Senhor do Bonfim dos Militares, datada por volta de 1771, pertencia à Irmandade de Militares que construíram a igreja toda em estilo barroco e rococó, característico de Diamantina, com sua edificação em adobe e taipa. Possui ornamentos e pinturas sacras, além de belas imagens que compõem a igreja. Conhecida pelo forro da capela mor possuir a representação das Sibilas que eram mulheres sacerdotisas ou oraculares da mitologia grega, que foram aceitas e reconhecidas pela Igreja Católica como mulheres que anunciam o mistério da fé católica, nascimento, vida e morte de Jesus.

A torre da igreja possui apenas dois sinos em ótimo estado de conservação, que estão em atividade em principais eventos religiosos da cidade e da própria igreja, dando foco ao Setenário e festa de Nossa Senhora das Dores que acontece no período anterior da Semana Santa, onde se contemplam as sete dores de Maria. O campanário faz encontro com a torre da igreja do Carmo e vista com a Igreja do Amparo, auxiliando e facilitando na comunicação entre os sineiros que se colocam em cada torre, de cada templo, executando suas funções sonoras.

Imagem 6 - Igreja de Nosso Senhor do Bonfim dos Militares



Fonte: Próprio autor

A Igreja Imperial de Nossa Senhora do Amparo, datada por volta de 1773 a 1776, pertencida à Irmandade dos Homens Pardos. Possui construção em direção à rua, não possuindo adro e tendo a torre no meio, que difere de outras igrejas da cidade que possuem torres na lateral. Apresenta-se com três sinos em ótimo estado de conservação que são tocados nas principais festividades religiosas e civis da cidade.

A Capela recebe o título de Imperial devida sua representatividade social e religiosa nas festividades em honra ao Divino Espírito Santo, quando também se hasteia a bandeira e é cantado o Hino Nacional. A Festa do Divino é popular e folclórica para a cidade, marcada por muita comemoração e rituais específicos tradicionais que são característicos da cidade de Diamantina.

Imagem 7 - Igreja Imperial de Nossa Senhora do Amparo.



Fonte: Próprio autor

A Igreja de Nossa Senhora das Mercês, datada por volta de 1778 a 1784, pertencida à Irmandade de mesmo nome. Rica em obras sacras, possui em sua arquitetura uma característica própria e cheia de singularidade. O campanário se encontra no centro, assim como a capela do Amparo, contendo três sinos, grande, pequeno e médio. O seu interior é marcado por várias manifestações da arquitetura neoclássica e um destacado balaustrado que remete a um teatro colonial.

A festa de Nossa Senhora das Mercês, diferentemente das outras cidades, é celebrada na data de 15 de agosto, dia da Assunção de Nossa Senhora, uma característica marcante que a difere das outras cidades coloniais mineiras. Os sinos são ativamente tocados, principalmente em comemoração à padroeira, com toques próprios que retratam a grande padroeira dos cativos.

Figura 8 - Igreja de Nossa Senhora das Mercês



Fonte: Próprio autor

Em Diamantina, como já citado, ainda existem igrejas centenárias e significativas para a história cultural, que fazem parte da harmônica arquitetura colonial da cidade. Porém, as mesmas não possuem tombamento registrado no Livro de Saberes do IPHAN, mas reconhecidas como Patrimônio Municipal, possuindo torres com sinos que são tocados em conjunto com os demais, sendo: a Igreja de Nossa Senhora da Luz; Igreja de Santa Isabel da Santa Casa de Misericórdia; Igreja da Basílica do Sagrado Coração de Jesus, anexa ao seminário provincial de mesmo título, e a Igreja da Catedral Metropolitana de Santo Antônio da Sé. Destaca-se, em especial, a Igreja da Catedral que fica no centro histórico da cidade e possui uma atividade sineira frequente.

A igreja da Catedral foi demolida na década de 30 para construção de um novo templo que acolhesse os fiéis de Santo Antônio e com o objetivo de sediar a Arquidiocese de Diamantina. A nova igreja, em estilo arquitetônico neoclássico, conta com duas torres que diferem da sua antiga construção, onde possuía apenas uma torre e um adro de escadarias. O seu novo projeto também alterou a direção do templo, onde a igreja antiga era com a fachada direcionada para a rua Direita e a nova Catedral para a Praça Conselheiro Mata.

Em seu interior, observa-se uma grande e apoteótica construção em estilo neoclássico possuindo dois altares laterais que pertenciam à antiga igreja dos séculos XVII e XVIII. De um lado está a imagem do padroeiro Santo Antônio, talhada em madeira dourada e policromada, vinda de Portugal, e do outro lado encontra-se a imagem da co-padroeira Imaculada Conceição, também em madeira entalhada dourada e policromada. Os dois campanários, em bom estado de conservação, possuem em um deles três sinos, um grande, um médio e um pequeno, e o outro não possui sino.

Considerações Finais

O trabalho apresentado demonstra, de uma forma geral, o toque dos sinos, suas particularidades, a profissão dos sineiros e as torres sineiras dos sinos de Diamantina, bem como sua importância para a comunidade em que se insere, já que é através dos toques dos sinos que a população toma conhecimento de determinadas comunicações e avisos das igrejas, ressaltando-se, também, a importância do conhecimento e divulgação do patrimônio imaterial. Neste contexto, o toque dos sinos e seu significado se configuram como uma expressão cultural, um bem do passado dotado de valor cultural, social e identitário de uma determinada sociedade, uma prática repleta de celebração, sociabilidade e ludicidade.

Os sineiros também tem um papel fundamental nesse processo, pois além de serem detentores do conhecimento de um bem rico como o patrimônio imaterial, são conservadores e propagadores deste bem, além de todo o afeto e sentimento de pertencimento que sentem ao exercerem seu ofício.

Entende-se que o conhecimento dessa manifestação cultural se apresenta como uma tarefa desafiante, já que poucas são as iniciativas de preservação e divulgação e que o trabalho, como exposto, torna-se indispensável para a continuidade de novos estudos e pesquisas que demonstram também o Ofício dos Sineiros e a salvaguarda desse patrimônio tão importante e fundamental para a comunidade.

O significado do estudo, nesse sentido, é destacar a importância do patrimônio para a comunidade, para os visitantes e para os próprios sineiros, que são os detentores deste bem tão importante para nossa história e nossa identidade mineira e brasileira, de maneira que Diamantina, em sua particularidade, traz em sua história sineira e musical marcos únicos e subjetivos perante as outras cidades, como descritos neste trabalho.

Sendo assim, através de ações que promovam essa continuidade, existe a possibilidade de se resgatar e devolver a identidade cultural da profissão dos sineiros, através de um estudo mais aprofundado direcionado por uma reflexão dialogada entre os sujeitos. O empenho de conhecer melhor os sineiros de Diamantina, suas dificuldades e sugestões para o melhor desenvolvimento do ofício, podem ser capazes de renovar em seus habitantes um sentimento de pertencimento e orgulho para com a cidade, além de criar uma consciência sobre a importância da conservação e valorização desse patrimônio imaterial.

Referências

ADÃO, Kléber do S.; NASCIMENTO, Andréa C. S.. Lazer e sociedade na cidade de origem colonial. In: _____. **Lazer em São João del-Rei: aspectos históricos, conceituais e políticos**. São João del-Rei: UFSJ, 2011.

ARAÚJO, Juliana; LOBATO, Pablo. **Documentário Ofício de Sineiro e Toque dos Sinos em Minas Gerais, 2009**. Disponível em: <<http://bienal.org.br/post/8030>>. Acesso em: 05/09/21.

DIAS, Reinaldo. **Turismo e patrimônio cultural: recursos que acompanham o crescimento das cidades**. São Paulo: Saraiva, 2006.

GONÇALVES, Cristiane Souza. **Experimentações em Diamantina. Um estudo sobre a atuação do SPHAN no conjunto urbano tombado 1938-1967**. 2010. Tese de Doutorado em História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16133/tde-15062010-094114/pt-br.php>. Acesso em: 01/09/21.

IPHAN/MinC. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Ofício de Sineiro, 2014**, Brasília. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/mg/pagina/detalhes/70>. Acesso em: 05/09/21.

_____. **O Toque dos Sinos em Minas Gerais**. Brasília: Iphan/MinC, 2009. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/69>. Acesso em: 05/09/21.

_____. **Patrimônio Imaterial**. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/234>> Acesso em: 05/09/21.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

MONTANHEIRO, Fábio César. **Quem Toca o Sino não acompanha a Procissão: toques de sino e ambiente Festivo em Ouro Preto**. 2001. Disponível em: <<http://www.dhi.uem.br/gtrelegiao/pdf/st1/Montanheiro,%20Fabio%20C.pdf> Acesso em: 28 Fev. 2017>.

ORÍÁ, Ricardo. Memória e ensino de História. In: BITTENCOURT, Circe (org). **O saber histórico na sala de aula**. 10 ed. São Paulo: Contexto, 2005.

Pereira, J. K. do C., & Debortoli, J. A. O. (2020). O Toque dos Sinos de São João Del-Rei: Uma Análise das Manifestações Culturais. LICERE - **Revista Do Programa De Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, 23(2), 440–479. <https://doi.org/10.35699/2447-6218.2020.24091>

PREFEITURA MUNICIPAL DE DIAMANTINA. **Projeto: Cantos e Encantos de Diamantina**. Diamantina, 2019.

RAYEL, Renata Salgado. **A Linguagem dos Sinos em Diamantina (MG): rotas turísticas na paisagem sonora**. 2016. Tese de doutorado em Geografia – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2016. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/handle/11449/147053>>. Acesso em: 01/09/21.

REVISTA SAGARANA – **Turismo e Cultura em Minas Gerais: Diamantina**. Belo Horizonte: Vereda Jornalismo Ltda., 2005.

RODRIGUES, Marly. Preservar e consumir: o patrimônio histórico e o turismo. *In*: FUNARI, Pedro Paulo, & PINSKY, Jaime (Org.). **Turismo e patrimônio cultural**. São Paulo: Contexto, 2003. p. 15-24.

ROSA, Jason Barroso Santa; MAGALHÃES, Rodolfo. Documentário: **Entoados**, 2006. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sBswNbf3HTc&ab_channel=NEOMABPF>. Acesso em: 01/09/21.

SECTUR. Coleção “De olho no patrimônio”, do programa Pedagógico de Educação Patrimonial da Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Patrimônio – SECTUR de Diamantina (2019).

TORRES, Marcus Alberto; KOZEL, Salete. **Paisagens sonoras: possíveis caminhos aos estudos culturais em Geografia**. Revista Espaço Geográfico em Análise. Curitiba, n. 20, p. 123-132, 2010. Editora UFPR. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/raega/article/view/20616/13762>>. Acesso em: 05/09/21.